

Educação & Patrimônio

Capela Curial São Francisco de Assis
2021

Detalhe do coro, parte interior da
Capela Curial São Francisco de Assis.



EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

Capela Curial São Francisco de Assis

VOLUME 02

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Igreja Católica. Arquidiocese de Belo Horizonte (MG). Vicariato Episcopal para a Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais.

I24e Educação e patrimônio [recurso eletrônico]: Capela Curial São Francisco de Assis: volume 2 / Arquidiocese de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2021.

E-book (18 p. : il).

Igreja Católica. Arquidiocese de Belo Horizonte (MG).
Vicariato Episcopal para a Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais. Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

1. Igreja de São Francisco de Assis (Belo Horizonte, MG). 2. Patrimônio cultural - Proteção - Belo Horizonte (MG). 3. Arquitetura Moderna. 4. Arquitetura religiosa - Conservação e restauração. 5. Patrimônio histórico. 6. Pampulha, Lagoa da Região (MG) I. Título.

CDU: 726.54

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086



Apresentação

A Capela Curial São Francisco de Assis nos permite uma percepção prática da religiosidade e da fé na cidade de Belo Horizonte através da cultura, arte e patrimônio.

Desde seus primórdios, a cultura mineira está permeada pela religiosidade. Com a inovação proposta pelo movimento modernista, as várias vertentes relacionadas aos costumes mineiros foram ressignificadas, somando conceitos, atribuindo valores e adentrando na vida dos muitos personagens sociais que compõem a identidade cultural e religiosa dos belo-horizontinos.

Nesse sentido, continuando a proposta de sensibilização e estímulo da apropriação e reconhecimento identitário da nossa comunidade, apresentamos o segundo volume da Cartilha “Educação e Patrimônio”, onde o tema abordado narra o histórico da Capela Curial São Francisco de Assis, expondo aspectos históricos, arquitetônicos e religiosos do templo, além de apresentar alguns conceitos sobre o modernismo religioso no Brasil e a trajetória da própria Capela no que se refere à sua titulação como Patrimônio Mundial da Humanidade.

Dom Nivaldo dos Santos Ferreira

Bispo Auxiliar na Arquidiocese de Belo Horizonte

Vicariato Episcopal para a Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais

Introdução

A cidade de Belo Horizonte surge sob a ótica da modernidade. No entanto, entre seu surgimento e sua apropriação modernista, foi necessário um período de expansão e amadurecimento cultural. No entanto, só a partir de alguns processos e transformações culturais é que foi possível a criação de ambientes propícios às manifestações artísticas sintonizadas aos conceitos e as práticas da época. Isto é, ainda que nascida sob o signo de “cidade moderna”, houve um hiato, necessário e marcado pela transição do colonialismo ligado a Ouro Preto – antiga capital mineira – à aspiração progressista do Republicanismo brasileiro, em que se fundamenta o projeto da nova capital.

É somente após algumas décadas da inauguração da nova capital, juntamente com a instituição do Estado Novo (1937 – 1945), que a percepção de modernização urbana ganha força no cenário cultural e administrativo belo-horizontino. E é a partir desta perspectiva que o então prefeito **Juscelino Kubitschek** proporcionou uma verdadeira e significativa transformação da capital mineira, contratando **Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Burle Marx, Paulo Werneck e Alfredo Ceschiatti**, entre outros artistas, para a construção de um conjunto artístico e arquitetônico às margens da lagoa da Pampulha¹.

A área que abriga o Conjunto Arquitetônico da Pampulha era parte de uma antiga fazenda, responsável pelo abastecimento agrícola de Belo Horizonte. Suas formas curvas e as qualidades plásticas do concreto armado materializaram um momento histórico para a arte e a arquitetura, ressaltando-se a arquitetura moderna religiosa, com a construção de um templo de características modernistas.

Obra mais icônica da cidade de Belo Horizonte, a Capela Curial São Francisco de Assis foi concluída em 1945, trazendo elementos peculiares e grandes curiosidades. Apresentamos algumas nesse segundo volume do “Projeto Cartilhas Informativas”.

1. Cabe à Otacílio Negrão de Lima, ex-prefeito de Belo Horizonte, o início das obras da barragem da Pampulha, projetada com o objetivo de melhorar o abastecimento de água da cidade. A primeira etapa da construção da barragem foi iniciada em 1936 e concluída em 1938 e a segunda etapa, iniciada em 1940 e concluída em 1943, represando as águas que formaram a Lagoa da Pampulha.



BREVES RELATOS SOBRE O MODERNISMO E A ARQUITETURA MODERNA RELIGIOSA NO BRASIL

O **modernismo** passa a ser difundido no Brasil na década de 1930, principalmente com a construção de edifícios comerciais, de serviços públicos e lazer. Na época, a arquitetura foi amplamente utilizada para expressar os **ideais de modernização e avanço**.

Grande parte das obras modernistas seguiu, ou teve influência, dos **cinco pontos da nova arquitetura**, elaborados pelo arquiteto **Le Corbusier**, que criou uma nova linguagem arquitetônica para o século XX. Esses pontos eram: construção sobre pilotis, terraço-jardim, planta livre, fachada livre e janela em fita. A escolha dos materiais nas obras modernistas também é uma característica muito marcante do movimento, sendo utilizados em grande escala o **concreto**, o **aço** e o **vidro**.

Nesse sentido, a realização de um projeto arquitetônico de caráter estritamente modernista fez com que o Complexo da Pampulha e Belo Horizonte se tornassem importantes referências da arquitetura moderna, tanto em âmbito nacional quanto internacional, principalmente por representar um modernismo próprio, que traz consigo elementos regionais, que foram buscados nas raízes culturais brasileiras. Nesse âmbito, a arquitetura moderna brasileira teve início no campo religioso na década de 1940, com a construção da Capela Curial São Francisco de Assis, em Belo Horizonte. Consequentemente, tem-se o Complexo Arquitetônico da Pampulha como uma referência da arquitetura moderna brasileira, sendo a Capela o seu grande destaque.

Sabe-se que, inicialmente, **Juscelino Kubistchek de Oliveira** (1975, p. 75) tinha interesse em construir um restaurante “debruçado sobre a água”, mas existia também a possibilidade de construir “uma igreja, sob a invocação de São Francisco – o mesmo patrono do velho templo de Diamantina – MG, no interior do qual fora sepultado meu pai”. A decisão pela construção da Igreja veio acompanhada pela execução dos elementos artísticos – Via Sacra, altar e parte externa – por **Cândido Portinari**, assim como o batistério de autoria de Alfredo Ceschiatti.

Obra-prima da arquitetura modernista brasileira por seu caráter inovador, foi foco de controvérsias. Apresentando formas mais ousadas, face a uma edificação curvilínea e conceituando as novas formas de expressões artísticas que surgiam com o modernismo, seu uso, para fins religiosos, esteve proibido por um período.

Cabe ressaltar que uma construção religiosa com características modernistas implicava, diretamente, na ruptura com o tradicional aspecto artístico-arquitetônico religioso caracterizado pelo barroco e o neogótico. Posto isto, evidencia-se ainda que para construir uma igreja é necessário adequar-se ao Código de Direito Canônico, e às diretrizes da Comissão Pontifícia de Arte Sacra. No entanto, a Capela Curial São Francisco de Assis foi construída sem a consulta prévia à Arquidiocese de Belo Horizonte, especialmente pela escolha do santo, que foi por parte do próprio Juscelino Kubitschek. Nesse sentido, o templo permaneceu sem uso até 1959², quando foi consagrada por Dom João Resende Costa, Arcebispo Coadjutor da Arquidiocese de Belo Horizonte.

OBS: Para melhor compreender a posição do clero frente à modernidade da arte nas construções religiosas, indica-se a análise de publicações contemporâneas, representativas do pensamento católico daquela época, desde o período de criação até a sagrada (1942-1959) da Capela Curial São Francisco de Assis³.

2. Na época da inauguração do templo, as autoridades eclesiásticas não aceitaram de imediato a arquitetura moderna para ambientes sagrados. Consequentemente, houve muitas discussões sobre o assunto antes de se entrar em um consenso e somente em 1959 a primeira missa foi celebrada na Capela. Na ocasião, a Cúria Metropolitana de Belo Horizonte argumentou que o Pontificado de João XXIII (1958-1963) era favorável à presença do estilo moderno na arte sacra. Poucos anos depois, o Concílio Vaticano II deliberou pela renovação das diretrizes para a Liturgia e o espaço sagrado.

3. Para uma análise mais detalhada sobre a reação do clero frente à proposta moderna da Igreja São Francisco de Assis nas décadas de 1940 e 1950 ver CAMPOS, 1983.



CURIOSIDADE: Segundo o Dicionário da Arquitetura Brasileira (1921-2001) o modernismo é a “designação genérica de vários movimentos artísticos, que derivam todos da renovação decorativa de fins do século XIX, caracterizando principalmente o art-nouveau, o modern-style, o cubismo, o futurismo, o neoplasticismo, o funcionalismo, etc. Ordinariamente refere-se à toda inovação nas artes e na arquitetura processadas no século XX”.



CURIOSIDADE: Apesar da primeira casa modernista brasileira ter sido construída do ano de 1927, em São Paulo, somente após a construção do Edifício Capanema o modernismo ganhou força no Brasil, tendo sua projeção na década de 40, com a construção do Complexo Arquitetônico da Pampulha.



A CAPELA CURIAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O Complexo Arquitetônico da Pampulha pode ser considerado um marco histórico no que tange às relações de continuidade e ruptura dos conceitos arquitetônicos da época; em especial, com a construção da Capela Curial São Francisco de Assis.

Sua construção foi iniciada por volta de 1942 e sua conclusão era prevista para o ano seguinte. Apresentando uma essência estrutural e simbólica que estabelece um sincronismo entre religiosidade e o ideal modernista, tornou-se referência paradigmática na história da arquitetura moderna brasileira.

Como a primeira igreja no Brasil de traços modernistas, ainda que apresente alguns aspectos do feitio colonial, proporciona o rompimento dos padrões estabelecidos pelo colonialismo dos templos religiosos, os quais se limitavam a linhas retas e rígidas, comuns na arquitetura brasileira da época. Nesse sentido, sua construção produziu grande debate público sobre as obras realizadas no conjunto, uma vez que dentre todas as demais edificações, é a que mais se destaca, chamando a atenção por sua leveza e originalidade.

Niemeyer criou uma edificação formada por superfícies curvas, que se apoiamumas sobre as outras, e que nos permite uma percepção acerca da religiosidade e as novas formas de expressão artística que surgem com o modernismo. Apresentando a inovação no processo



CURIOSIDADE: Joaquim Cardozo, calculista da obra, observou que Niemeyer inaugurava, com o projeto da Capela, um “novo ritmo na arquitetura brasileira e mundial (...), com seus ‘panos de concreto’, cuja leveza era semelhante à de ‘invólucro de balões dirigíveis’”. (CARDOZO, 1955, pág. 6).



construtivo explorando o potencial plástico do concreto armado, projeta uma estrutura independente, construída por lajes apoiadas em pilares, substituída por abóbodas parabólicas autoportantes decorrentes dos progressos da técnica moderna.

Ainda assim, mesmo apresentando uma proposta revolucionária, é possível perceber a associação entre os elementos e métodos arquitetônicos já existentes na cultura construtiva tradicional, se aproximando, em alguns aspectos, do estilo colonial mineiro. Tomando por inspiração as capelas setecentistas de Padre Faria, em Ouro Preto, e a de São Francisco de Assis, de Diamantina, Niemeyer adota soluções geométricas fundamentadas em linhas curvas, característica do estilo Barroco.

Essencialmente, a volumetria da capela é formada por cinco coberturas em arco, permitindo maior liberdade em planta por se tratar de um elemento autoportante e, dessa forma, não demandar a utilização de vigas e pilares no sistema estrutural do volume principal. Esse volume central desdobra-se em dois arcos, com inclinações diferentes entre si, que correspondem à nave e ao altar-mor, sendo todo o interior da nave revestido com forro de madeira de cerejeira, criando uma atmosfera acolhedora e aconchegante ao ambiente. A casca referente ao altar sobrepõe-se à abóbada posterior, criando um desnível que permite a criação de uma abertura zenital, levando luz natural ao altar que incide diretamente sobre o mural “São Francisco se despjando das vestes”, do artista Cândido Portinari.

Além de sua beleza exterior, a capela internamente é muito bonita. A nave vai se estreitando e declinando da fachada em direção ao coro, onde produz uma brusca dilatação do espaço, resultado do movimento contrário quase imperceptível e de um notável jogo de luz que contrapõe o revestimento de madeira escura da nave a um coro inundado de luz, cuja fonte não é visível. Com efeito, os raios de luz, concentrados na vasta pintura de Portinari, que ocupa toda a parede do fundo, caem do lanternim situado na interseção das duas abóbodas parabólicas, uma vez que a que cobre o coro tem uma seção um pouco mais larga do que a extremidade da abóboda da nave (BRUAND, 2012).



Os elementos arquitetônicos internos da Capela: púlpito, batistério e confessionário, seguem a concepção geral da edificação de curvas livres, gerando um desenho interno harmonioso às formas gerais da volumetria. Do mesmo modo, a escada que permite acesso ao coro descreve um movimento curvo em torção, e também se utiliza do concreto armado para execução de um elemento solto e esbelto, contribuindo com a permeabilidade visual da fachada, que por sua vez é revestida em vidro, criando um vínculo visual entre o interior da capela e a paisagem da lagoa. O uso de brises alia-se à fachada, filtrando a quantidade de luz que adentra a capela e compõe como elemento visual marcante da estética adotada por **Niemeyer** em suas obras.

Frente à fachada principal, à direita, encontra-se a torre sineira, concebida de maneira invertida, com sua parte mais estreita voltada para o solo, e conectada ao corpo da capela por meio de uma marquise inclinada, que por sua vez está apoiada na outra extremidade por dois pilares metálicos curvos. Finalizando a porção edificada da capela, situa-se à esquerda o cruzeiro, em tom de azul, de acordo com as cores empregadas na obra.

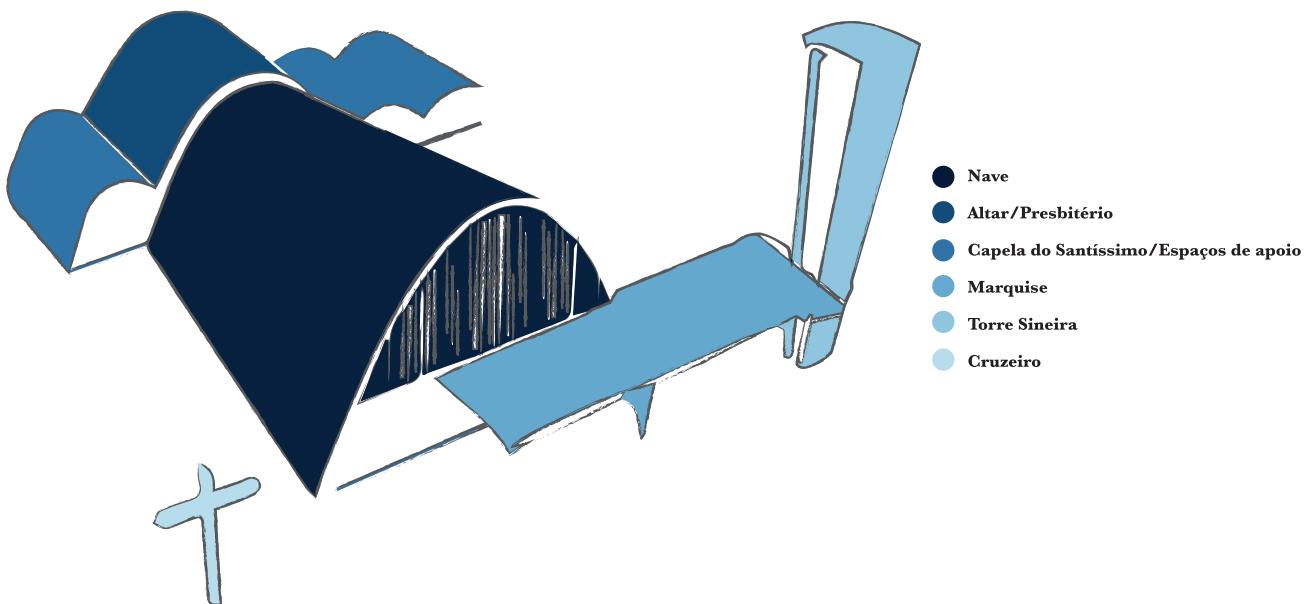
Ao finalizar a estrutura, foram convidados para compor as ornamentações do edifício: **Cândido Portinari** na composição dos painéis de azulejos, via-crúcis, afresco do altar e um mural de azulejos na fachada; **Paulo Werneck** com os mosaicos abstratos laterais externos; **Alfredo Ceschiatti** com o batistério em baixo-relevo de bronze; e por fim, **Roberto Burle Marx** com o paisagismo dos jardins.

A concepção da capela parte da perfeita integração entre arquitetura, obra de arte e paisagem, criando uma unidade entre interior e exterior, que faz com que a edificação englobe seu entorno. Logo, os jardins partem de um lugar ornamental para tornar-se parte constituinte do monumento.

Projetados por Burle Marx, os jardins que integram a capela fogem dos moldes europeus de inspiração no paisagismo inglês e francês, e abandonam o traçado geométrico e rígido em busca de um paisagismo de formas orgânicas, em conformidade com as curvas propostas por Niemeyer em sua arquitetura. Constituídos de vegetação rasteira e de médio porte, os jardins emolduram a capela e margeiam a lagoa, o que propicia a continuidade no olhar ao contemplar a obra como um todo.



SETORIZAÇÃO DA CAPELA CURIAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS



O TÍTULO DE PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

A primeira proteção legal sobre a Capela Curial São Francisco de Assis se deu no ano de **1947**, com o tombamento por proposição de **Lúcio Costa**, junto ao **Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Já em **1954**, a edificação religiosa passou por sua primeira restauração⁴. No âmbito estadual, recebeu proteção em **1984**, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, **Iepha/MG** e a proteção a nível municipal deu-se em **2003**, sendo tombada pelo **Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte**.

4. Tendo a primeira restauração ocorrida em 1954, outras intervenções foram realizadas nos anos 1957, 1980, 1989, 1992 e entre 2004 a 2005 foi realizado um projeto de recuperação, executado através de um diagnóstico lançado pela Prefeitura de Belo Horizonte intitulado de: “Monitoramento, instrumentação, avaliação estrutural e projeto de recuperação e restauro da Igreja de São Francisco de Assis”.

Desde **1996**, o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha vislumbrava o título de Patrimônio da Humanidade. Em dezembro de **2013**, por meio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, houve a formação de uma Comissão Executiva para conduzir o processo perante a Unesco, a fim de conduzir o processo de candidatura ao título internacional. Para tal, foi criado o **“Programa Declaração da Pampulha Patrimônio da Humanidade”**, que apresentou uma declaração justificando o conjunto arquitetônico como marco da arquitetura moderna, que visava a integração das edificações com os espaços públicos.



Por fim, no ano de **2016**, o Conjunto Arquitetônico da Pampulha foi reconhecido como **Patrimônio Cultural da Humanidade**, sendo a **Casa do Baile**, o **Museu de Artes da Pampulha**, o **Iate Clube**, a **Igreja São Francisco de Assis**, a **Casa JK**, o **Espelho d'Água** e a **Orla da Lagoa** as obras que caracterizam o **Conjunto Moderno da Pampulha**, o qual representa o bem cultural de titulação mundial, exemplificando os traços de um período “social brasileiro” onde os elementos modernistas evidenciaram, através da arquitetura, um papel indissociável à modernidade, quando a arquitetura assumiu, sobretudo no Brasil, um caráter precursor do progresso e da inovação social, industrial e econômica, visando a construção de uma nova relação entre o homem e o ambiente construído.



CURIOSIDADE: O Conjunto Arquitetônico da Pampulha promove um misto entre tradicional e moderno, fato que lhe concedeu grande reconhecimento. O título de Patrimônio da Humanidade reconhece seus aspectos revolucionários ao mesmo tempo que explora os elementos característicos da mineiridade.

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

1942

Início da construção da Capela Curial São Francisco de Assis.

1943

Inauguração do Complexo Arquitetônico da Pampulha. Na mesma ocasião, a Capela Curial é parcialmente inaugurada, com sua parte de sua obra ainda inacabada.

1945

Finalização das obras da Capela Curial São Francisco de Assis.

1947

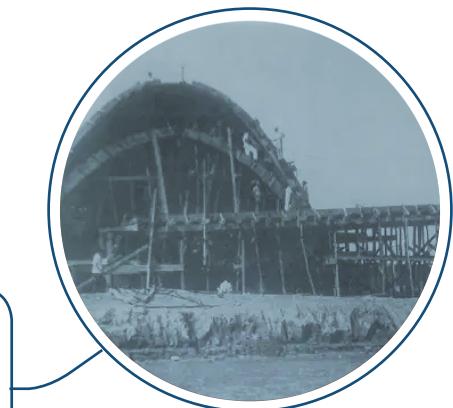
Reconhecimento como patrimônio nacional, pelo SPHAN (atual Iphan). O tombamento promovido três anos após a sua inauguração, foi uma medida inédita, motivada pelo delicado estado de preservação do templo e “risco” de demolição.

1953

Sylvio de Vasconcelos, chefe da coordenadoria regional do SPHAN em MG, juntamente com Niemeyer e Joaquim Cardozo (engenheiro calculista), elaboraram um projeto estrutural para sanar os problemas de infiltração da Capela.

1956

Em maio de 1956 findam-se os trabalhos de reparo na Capela. Entretanto, cerca de seis meses após a finalização das obras de reparo o Departamento de Conservação e Restauro/SPHAN é notificado sobre o surgimento de novas trincas e infiltrações. Na ocasião, Oscar Niemeyer recomenda a retirada de todo mosaico e de nova impermeabilização.



1959

São realizados reparos emergenciais no revestimento de madeira da nave. Tais intervenções foram realizadas na perspectiva do evento de sagradação do templo, previsto para 11 de abril 1959.



1980

A estrutura da Capela ainda apresenta problemas quanto à dilatação da cobertura e passa por reparos por meio do programa de obras urgentes do Iepha-MG.

1984

Tombamento da Capela em decorrência do seu reconhecimento legal como patrimônio estadual, pelo Iepha-MG.

1991

É elaborado e executado o projeto de recuperação da Capela, que contemplou na retirada das pastilhas do topo da abóboda até o nível do mosaico, aplicação de manta asfáltica pré-fabricada sobre as juntas de dilatação, instalação de drenos externos e utilização de argamassa acrílica. Internamente, ocorre também um trabalho de impermeabilização nas áreas não abrangidas pelo tratamento externo e aplicação de placas de isolamento térmico sob o forro.



1993

Surgem novas fissuras na superfície externa da Capela.

2002

Iepha e Iphan coordenam um projeto de estudo aprofundado para elaboração de diagnóstico técnico da Capela.

2003

Tombamento da Capela em decorrência do seu reconhecimento como patrimônio municipal, pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte.



Após estudos minuciosos, conclui-se que o fator gerador dos problemas referentes à dilatação da cobertura da Capela é oriundo de um erro construtivo, em que a despeito da orientação do projeto de construção de três juntas de dilatação, foram construídas apenas duas, causando um desequilíbrio dos esforços atuantes nas estruturas.

2004

Iniciam-se os trabalhos de restauração da Capela, com a realização de: abertura da terceira junta de dilatação, realinhamento das duas juntas já existentes, aplicação de impermeabilização específica sobre as juntas e outra cobrindo toda a abóboda (de material flexível que permita a expansão e contração do concreto), e, por fim, após aplicação de todo o revestimento, são executadas as juntas de dilatação no mosaico e na argamassa de fixação, impedindo o ressurgimento de fissuras.



2005

Finalização das obras de restauração iniciadas no ano anterior.

2013

Elaboração do “Projeto de Recuperação – Infiltração na Igrejinha da Pampulha” – em razão das manchas de infiltração encontradas no forro interno da nave. A obra é prevista para o primeiro semestre de 2016, mas é adiada para cumprimento das cerimônias de casamento já agendadas.

2014

Inclusão do Conjunto Arquitetônico da Pampulha na Lista Indicativa do Brasil ao título de Patrimônio Mundial da UNESCO, na tipologia Patrimônio Moderno.

2016

O Conjunto Moderno da Pampulha recebe o título de Patrimônio Mundial durante a 40^a Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, que aconteceu em Istambul (Turquia), no dia 16 de julho de 2016.



2017

Início das obras de restauração. Na ocasião, foram retirados todos os quadros da Via Sacra, de autoria de Cândido Portinari, por danos devidos à umidade e às altas temperaturas do interior da edificação. Estes passaram pelo processo de restauração no Cecor-UFMG (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais da Universidade Federal de Minas Gerais) visando apenas a correção de umidade e microfissuras da superfície da camada de pintura. Em linhas gerais, as intervenções de 2017 contemplaram: restaurações dos quadros, nova impermeabilização e correção de fissuras no concreto da cobertura, completa substituição do forro de madeira, revitalização do piso de mármore manutenção dos azulejos da nave e revitalização da área eterna da capela.



2019

Reinauguração da Capela Curial, no dia 04 de outubro, dia de seu padroeiro São Francisco de Assis.





Para agendamento de visitas e outras informações sobre a atuação do Setor Educativo da Capela Curial São Francisco de Assis, entre em contato através do telefone **(31) 3465-6219** ou e-mail **memorialmuseologa@arquidiocesebh.org.br**.



REALIZAÇÃO

Arquidiocese de Belo Horizonte

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Vicariato Episcopal para a Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais

Dom Nivaldo dos Santos Ferreira

Padre Wellington Santos

Vicariato Episcopal para a Ação Pastoral

Padre Joel Maria dos Santos

Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte

Maria Goretti Gabrich Fonseca Freire Ramos

Padre Marcelo do Carmo Ferreira

Padre Wellington Santos

Rayane Soares Rosário

Luciana da Silva Araújo

Capela Curial São Francisco de Assis

Padre Ednei Almeida Costa

Abel José de Oliveira

Carlos Antônio Barbosa

Maria Goretti Gabrich Fonseca Freire Ramos

Equipe Técnica

Rayane Rosário - Museóloga

Luciana Araújo - Historiadora

Camila Nascimento Oliveira - Estagiária de História

Juliana Natália da Silva Reis - Estagiária de Arquitetura e Urbanismo

Maria Clara Zócoli Perácio - Estagiária de História

Maria Fernanda Pereira de Sá - Estagiária de Arquitetura e Urbanismo

Diagramação e Ilustração

Maria Fernanda Pereira de Sá

Mauro Bernardes de Assis

Fotografia da capa

Maria Fernanda Pereira de Sá



REFERÊNCIAS

BAHIA, Cláudio Listher. **JK: Política, Arte e Arquitetura – Uma Experiência Modernista.** Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 119-137, dez. 2004.

BAHIA, Denise Marques. **A arquitetura política e cultural do tempo histórico na modernização de Belo Horizonte (1940-1945).** Belo Horizonte, 2011.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Pampulha: uma proposta estética e ideológica.** Revista Análise e Conjuntura. Belo Horizonte, n. 13, p.69-90, 1983.

CASTRO, Mariângela; FINGERUT, Sílvia (Org.). Igreja da Pampulha: restauro e reflexões. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CEDRO, Marcelo . **Arte, cultura e sociabilidade na BH de JK (1940-1945).** In: Cleber Dias; Maria Cristina Rosa. (Org.). História do lazer nas Gerais. 1ed. BELO HORIZONTE: Editora UFMG, 2019, v. 1, p. 283-304.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. **Por que construí Brasília?** Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

PEREIRA, Nathalia. **Concepção arquitetônica e estrutural de duas obras de Oscar Niemeyer: Igreja da Pampulha e Pavilhão Gameleira.** 2012. Dissertação de Mestrado - Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília. Brasília. 2012.

ROCHA, Mércia Parente. **Patrimônio arquitetônico moderno: do debate às intervenções.** João Pessoa, 2011.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. **Igreja de São Francisco de Assis - Pampulha: Guia do Visitante.** Belo Horizonte. PUC Minas, 2018. 68p.





ARQUIDIÓCESE
DE BELO HORIZONTE

